

## **Tecnologias no cotidiano das organizações: cenários e desafios para a superação das desigualdades digitais**

Por Fátima Nascimento e Michelle Prazeres

O que pode explicar a presença tímida de organizações do nosso campo na luta contra as desigualdades digitais? Para que desafios esta constatação pode apontar?

Mobilizadas por estas questões, tivemos a oportunidade de conduzir uma reflexão junto a algumas organizações que lutam por direitos humanos no Brasil. A partir de uma sondagem inicial, onde mapeamos as compreensões sobre as tecnologias prevalente entre as entidades e as apropriações mais comuns das tecnologias em seus cotidianos, chegamos a novas perguntas.

Existe mesmo uma certa “resistência às tecnologias” em nosso campo? Tendo em vista que as organizações que participaram da sondagem possuem, em média, mais de 40 anos de atuação<sup>1</sup>, esta suposta “resistência” pode ter (também) relação com fatores geracionais? Seria possível afirmar que algumas organizações não se sentem “preparadas” - em relação a todos os aspectos da tecnologia - para atuar com este universo e sobre este universo? As organizações estão fortemente afetadas pelas inequidades digitais (falta de acesso, falta de formação/competências, falta de equipamentos). Isso poderia ter um “efeito negativo” em assuntos como participação / informação política e formação? Na medida em que uma “adesão acrítica” às tecnologias pode ampliar as brechas e desigualdades, será que a pandemia nos levou a usar a tecnologia sem um debate estratégico e de cuidado com as pessoas, os ritmos de trabalho e nossa segurança?

E, por fim, será que esse não deveria ser um campo de reflexão, trabalho e ação para estas organizações?

Neste texto, organizamos o que para nós se apresentou como cenário e desafios para uma ação transformadora possível no campo das desigualdades digitais.

### **Tecnologias no cotidiano das organizações**

Nesta incursão sobre os usos e apropriações das tecnologias no cotidiano das organizações, notamos que se compartilha uma visão 1) instrumental; e (2) positiva das tecnologias.

Na imagem abaixo, organizamos os principais atributos listados pelas organizações para definir a palavra “tecnologia”. É possível notar que tecnologia é sinônimo de conexão, de facilidade (aspectos que podemos associar a uma visão positiva) e também sinônimo de instrumento e ferramenta (aspectos que podemos associar a uma visão de que servem para apoio e auxílio de tarefas).

---

<sup>1</sup> Das 16 organizações que participaram da sondagem, quatro foram criadas nos anos 60, uma nos anos 70, seis nos anos 80, duas nos anos 90 (a partir do desmembramento de uma organização dos anos 60) e duas no início dos anos 2000. A metade delas nasceu da inspiração do trabalho popular de igreja (católica e evangélicas históricas). Todas se configuram como de defesa de direitos nas mais diferentes áreas (desenvolvimento, saúde, educação, etc...).



O que notamos ser uma “positividade” das tecnologias está majoritariamente relacionado com seu potencial de ampliação da ação das organizações, com a possibilidade de conferir regionalidade a esta atuação.

Também são exaltadas a capacidade de conexão e de chegar a diferentes públicos. Outros atributos elencados entre os aspectos positivos são a colaboração e a memória. A imagem a seguir organiza os principais atributos listados pelas organizações para qualificar o que as tecnologias têm de positivo.



Já os aspectos “negativos” das tecnologias estão relacionados majoritariamente a três campos: (1) (in)segurança e privacidade (vazamento de informações, ameaças); (2) custo alto (de aquisição e manutenção de equipamentos); e (3) dificuldade de acesso (seja por parte das organizações, seja por parte de seus públicos).

Por conta destes três fatores, a questão da dependência se sobressai. Além destes, outros atributos “negativos” são a questão dos ritmos ditados e o abalo à saúde mental; a fragmentação das ações (uma ambivalência em relação ao ponto positivo da amplificação / regionalização das ações) e a desinformação.

A imagem abaixo organiza os principais atributos listados pelas organizações para qualificar o que as tecnologias têm de negativo.



### **Acesso e apropriações das tecnologias**

Quando investigamos as apropriações cotidianas das tecnologias nas organizações, percebemos três âmbitos em que estes usos acontecem: (1) na gestão e na governança; (2) nas ações de comunicação, articulação e mobilização; e (3) enquanto agenda de luta, relacionada às desigualdades e cidadanias digitais.

No primeiro bloco, estão situadas as apropriações mais “instrumentais” de tecnologias (hardwares, softwares e equipamentos em geral), utilizadas para organizar, documentar, arquivar e controlar rotinas relacionadas à gestão das organizações (desde fluxos de trabalho das equipes até controladoria).

No segundo bloco, estão agrupadas apropriações relacionadas ao potencial de comunicação das tecnologias. Neste grupo, estão as tecnologias da informação e comunicação, usadas para divulgar ações das organizações, publicar nas redes e na internet suas ações e aquelas usadas para troca de informação, transmissões, realização de reuniões, além daquelas usadas para ações de articulação em e mobilizações ou incidência. Neste segundo bloco, as tecnologias parecem estar situadas em uma zona de interface entre o “puro instrumento” e o “instrumento político”.

Os dois primeiros blocos são aqueles majoritariamente identificados pelas organizações, do ponto de vista da ação cotidiana. Embora a maior parte delas reconheça o aspecto das tecnologias como uma “força” ou um “campo” ou ainda como uma “ampliação da esfera pública” ou do espaço do fazer político na contemporaneidade, são poucas aquelas que identificam alguma operação nesta seara.

Boa parte das organizações diz “saber da importância” dos direitos digitais como agenda, mas existe uma compreensão de que esta agenda seria uma “causa a mais”, que a organização não tem capacidade de “abraçar” (ou “acrescentar” à sua já extensa agenda de pautas, causas e bandeiras abarcadas em sua ação).

Mas a questão dos direitos digitais seria de fato uma agenda extra ou a organicidade das tecnologias nos tensiona a elaborar outra compreensão desta agenda, que gera a necessidade de articulá-la às nossas pautas “originais”? O caráter central das tecnologias na vida, no mundo social e na política hoje não nos provoca um “salto de compreensão” sobre elas em nosso fazer cotidiano?

A dataficação<sup>2</sup> e a algoritmização<sup>3</sup> das lutas deveria nos pressionar a entender as tecnologias como uma camada importante para todas as lutas? Como viabilizar esta transformação cultural, em organizações que podem não se sentir equipadas (instrumentalmente), formadas (do ponto de vista do conhecimento técnico e político sobre o tema) e aptas (do ponto de vista da compreensão da agenda e da estratégia política) para atuar neste campo?

Entre as principais **lacunas** de tecnologia apontadas pelas organizações estão: estrutura, recursos, pessoal capacitado, acesso, atualização, debate sobre questão cultural. Já entre os principais **apoios** desejados em relação a tecnologias estão: formação, recursos materiais, plano de ação (pensar conexão com estratégia).

No âmbito das principais ameaças registradas pelas organizações, estão quatro tipos: (1) relacionadas à segurança da informação; (2) relacionadas ao acesso e às desigualdades; (3) relacionadas a trabalho e gestão; e (4) relacionadas a mobilização e articulação.

No âmbito das ameaças relacionadas à **segurança da informação, estão** por exemplo, o vazamento de informações e distorções de conteúdos; o risco de invasão no sistema e roubo dos dados; a dependências de hardwares atualizados, por vezes tornando procedimentos financeiramente inviáveis; a adesão instantânea a desenvolvedores externos vinculados aos grandes sistemas indexados corporativos; e a redução dos níveis de autonomia diante de softwares, hardwares e a rotinas determinados e vinculados às lógicas e rotinas de algoritmos empresariais.

No âmbito das ameaças relacionadas ao **acesso e às desigualdades, estão a** dependência de plataformas e softwares proprietários; as dificuldades de conexão e de acesso; a dificuldade de investimento, falta de recursos; e o desafio de manter-se atualizada.

No âmbito das ameaças relacionadas a **trabalho e gestão, estão o** excesso de horas trabalhadas; e o excesso de canais de comunicação e maior necessidade de tempo e dedicação da equipe de comunicação para a gestão.

Já entre as ameaças relacionadas a **mobilização e articulação, estão o** contato direto e debate livre prejudicados; o acesso à Internet não é um direito garantido a todas as pessoas; os grupos em situação de vulnerabilidade, que são excluídos de muitas atividades; e as informações falsas.

## Rescaldos da pandemia

A pandemia parece ter potencializado desigualdades e brechas já existentes no mundo, também dentro de nossas organizações (reforçando e evidenciando desigualdades internas, como as geracionais, por exemplo). Também parece ter mexido nos ritmos e métodos de trabalho, aumentando o excesso de dedicação e os problemas de saúde mental entre os trabalhadores e trabalhadoras das organizações.

---

<sup>2</sup> Transformação de diversos aspectos da vida em dados.

<sup>3</sup> Manejo de algoritmos para controlar ou determinar aspectos da vida humana.

Na medida em que a maior parte das organizações se viu “obrigada” a uma adesão “urgente” a tecnologias, em nome da urgência, foi mais comum que as organizações aderissem a tecnologias proprietárias<sup>4</sup>.

É possível perceber que (1) existem questões prévias e geracionais (*internas às organizações e que se impõem como questão em um processo de inclusão tecnológica*); (2) existe uma diversidade interna nas organizações (*que gera hiatos de condições de apropriação tecnológica dentro do grupo*); e (3) existe uma outra percepção depois da pandemia (*que promoveu um uso mais intensivo das tecnologias, potencializou brechas e desigualdades pré-existentes e alterou as jornadas e ritmos de trabalho*).

## Alguns desafios

Diante deste mapa de **visões e apropriações** das tecnologias nas organizações, é possível listar alguns **desafios** para o campo e para cada uma das organizações, no sentido de pensar a tecnologia como ferramenta, mas também como espaço de “ampliação” de políticas públicas, de serviços, de sociabilidades, em um movimento para a transformação e o ativismo.

Amparadas nestes desafios, Gilberto Vieira, do data\_labe nos provoca a refletir sobre a questão: “Qual o papel das organizações da sociedade civil diante do cenário das desigualdades digitais?”.

Gilberto questionou a visão que temos das tecnologias, buscando compreender como podem ser mobilizadas a serviço da emancipação e da cidadania. A partir de uma análise de contexto do capitalismo digital e da expansão das formas de controle por meio de dados, questiona “quem somos nós neste jogo” e apresenta algumas experiências, especialmente aquelas desenvolvidas pelo data\_labe, articulando tecnologia, corpo, território e linguagens. Tais como: (1) **cocô zap** (que articula corpo e território, para mapear e denunciar violações aos direitos sanitários nas favelas, considerando que os dados oficiais não dão conta da realidade da favela); (2) **por que eu?** (campanha baseada na ausência de dados sobre abordagem policial e na informação de que pessoas negras têm quatro vezes mais chance de serem abordadas pela polícia do que pessoas brancas; que usa as estruturas da internet para circular novas narrativas); (3) **criptofunk** (festa que articula corpo, criptografia e direitos digitais, terra, território, software e tecnologia); e (4) **coalizão direitos na rede** (articulação de organizações da sociedade civil para incidência política em direitos digitais).

A estratégia do data\_labe está focada na territorialização e racialização dos dados, na diversidade no processamento e dados, no monitoramento de serviços públicos, na cultura de dados melhorando a cidadania e na produção de novos comuns (produções relacionadas a ideia de tecnologia e comunicação como bens comuns); e as ações do coletivo são no campo do jornalismo, da formação, da pesquisa e geração cidadã de dados e da incidência política.

A experiência do data\_labe aponta que é importante pensar nas apropriações, mas é importante pensar também nos sentidos, de forma a usar a apropriação dos dados para transformar cidadanias.

---

<sup>4</sup> Ferramentas e dispositivos criados e vendidos por empresas, protegidos e regulados pela lógica do *copyright*.

## **“A internet nasceu para ser livre, mas ela é pública?”**

Provocadas a pensar no seu lugar e no seu papel diante das transformações da contemporaneidade, que colocam a digitalização da vida no centro das lutas políticas, as organizações apontam também para uma correlação de forças desigual no campo das tecnologias.

Um desafio que parece se impor é o de não encarar a tecnologia como uma “agenda extra” e entender a internet como bem comum<sup>5</sup>, vinculado a um novo panorama regulatório (marco civil e LGPD), e as possibilidades importantes de incidência. É preciso entender a tecnologia como direito e os direitos como indivisíveis.

### **Aportes para uma ação integrada**

Diante do cenário que mapeamos, das apropriações e usos das tecnologias que percebemos entre as organizações e das provocações sobre o papel das entidades deste campo no combate às desigualdades digitais, desenharam-se algumas possibilidades de ação para a transformação.

Uma delas é o agir em rede, atuando coletivamente para incidir em políticas públicas de comunicação e tecnologias, recuperando e atualizando a luta pela democratização para o contexto digital.

Outra é colocar em marcha sistemas de proteção, especialmente para organizações que trabalham em territórios marcados pela vulnerabilidade. É preciso proteger defensores de direitos, assegurando comunicação segura (de dados e corpos).

Outra aposta seria numa ação em etapas. Precisamos melhorar as condições tecnológicas internas, para na sequência agir em rede e transformar a realidade. Nesse sentido, aposta-se em processos de inclusão (acesso) e formativos internos.

As organizações também apontam que é preciso aproximar a tecnologia da agenda da gestão democrática e aproveitar o eventual "acúmulo" que a pandemia trouxe.

---

<sup>5</sup> Em relação a este tema, avaliamos que é importante resgatar o exemplo do Alternex, que chegou ao Brasil em 1989, por meio do Ibase, como uma proposta de tecnologia acessível. O verbete sobre o projeto na Wikipedia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Alternex> ) conta que o Alternex foi o primeiro provedor de acesso brasileiro a permitir o acesso às pessoas físicas, a partir de 1989: “Após o surgimento da banda larga no final dos anos 90, esses serviços foram sendo abandonados de acordo com a demanda com o crescimento de usuários de banda larga”. O material de divulgação da iniciativa, na época, resgatado na dissertação de Mestrado de Carlos Nepomuceno (1997), dizia: "Orientados a indivíduos e organizações da sociedade civil, com objetivo de servir os que trabalham por metas que incluem a paz, a prevenção da guerra, a eliminação do militarismo, a proteção do meio ambiente, apoiar a causa dos direitos humanos e dos direitos dos povos, realização da justiça social e econômica, eliminação da pobreza, promoção do desenvolvimento autosustentado e equitativo, avanço da democracia participativa e resolução não-violenta de conflitos". A pesquisa de Nepomuceno pode ser encontrada aqui:

<https://web.archive.org/web/20050326023328/http://www.pontonet.com.br/tese/>